

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

Leandro Kuaray Mimbi Mendes Chamorro

NHEMONGARAI

O BATISMO MBYA GUARANI: OS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS

Belo Horizonte

2018

Leandro Kuaray Mimbi Mendes Chamorro

NHEMONGARAI

O BATISMO MBYA GUARANI: OS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática, pelo Curso de Formação Intercultural em Educação Indígena, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Co-orientador: Guilherme Marinho Miranda

Belo Horizonte

2018

Dedico este trabalho primeiramente a Nhanderu, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, minha mãe Santa.

À minha esposa Jussara, minhas filhas que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

RESUMO

Esse trabalho é sobre o ritual de colocação de nomes mbya guarani chamado *nhemongarai* ou batismo de colocação de nome. *Nhemongarai* é uma das manifestações culturais mais importantes do mundo guarani, que consiste em congregar as crianças para revelar seus nomes. Cada Mbya Guarani já nasce com um nome determinado, mas é revelado no batismo. Assim, cada nome tem um significado que define como as pessoas devem se comportar. Escolhi este tema porque é interessante saber e entender um pouco mais sobre a origem dos nomes que existem entre os mbya, como são e quais são os fundamentos. Este trabalho foi elaborado através de observações, lembranças e relatos. A descrição do ritual é feita a partir das observações e minhas próprias experiências vividas e dos relatos feitos pelos mais velhos sobre o ritual. Para falar do *nhemongarai* é necessário também falar de outros elementos envolvidos: a espiritualidade, os elementos utilizados no ritual, a casa de reza, as atividades realizadas antes, durante e depois do ritual, os nomes e os seus significados. Ressaltando também a importância do contexto histórico desse povo, para entender e mergulhar no mundo mbya guarani. Concluo este trabalho dando ênfase ao ritual do batismo, sua importância para a vida e a continuidade desse povo.

Palavras Chaves: *nhemongarai*, revelar nomes, significados, elementos envolvidos, espiritualidade.

TRADUÇÃO

Kova'e mba'eapoma ijayvu mba'exapa mbya guarani kuery,terá omombe'u tery,a'evaema era nhemongarai. Nhemongaraima mbya kuérype a'eveve a'e iporãve va'e,kyringue nhexyrõ tery omenhendu aguã. Mbyama ou mavoi guery revê,nhemongaraipyma onnhembombe'u. A'eramigua rupy pãve tery ojekuaa mamoguipa ou,mba'eixapa oika va'erã. Ojedoravo kova'e mba'eapo ojekuaave aguã mamoguipa tery ou mbya kuérype, mararã ramigua rupipa, mba'erepa. Kova'e ojejapo aguãma, ojekuaa pota agui, nhema'endu'aa gui a'egui onhemombe'u va'e kuegui. Ko nemboraparama ojejapo,xee aexa, aendu va'ekuegui xee voi akuaa ota va'ekue, tuja kueue'i omobe'u va'e kue guive. Nhemongaraire nhande ayvu aguãma teko tevê nhamobe'u maeixaguapa ojeporu: mby'a-nhe'ê, ma'exaguapa ouporu, opy'ire, ojejapo va'e, nhmongarai ê'yre, nhemongarai apy, a'egui nhomongarai rire, tery a'egui mba'erepa ery v'erã. Amombe'u vai ma'eixapa raka'e mbya kuery ymave, jaikuaave aguã mbya reko. Omomba kova'e mba'eapo enhemb'e'u ipova'ea ko nhemongarai mbya kuérype a'egui,mbya reko opa ê'y aguã.

Ayvu omombe'u va'e: nhemongarai, tery nheoi, mba'emo, oiporu va'e, nhe'ê.

SUMÁRIO

Quem é Leandro Kuaray Mimbi Mendes Chamorro?.....	8
INTRODUÇÃO	12
Objetivos (geral e específicos) e Metodologia.....	14
CAPÍTULO 1: O POVO MBYA GUARANI.....	15
Contexto Histórico.....	15
Uma conversa sobre o <i>Jeguata</i>	21
Espiritualidades divindades: em que os Guarani Mbya acreditam?.....	23
CAPÍTULO 2: O BATISMO MBYA GUARANI, ANTES, DURANTE E DEPOIS.....	27
<i>O Nhemongaraí</i> (batismo das pessoas crianças)	27
<i>Opy</i> (casa de reza)	36
Nomes e significados.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46

O Batismo
Muitas palavras, muitas invocações
Uma dança traz outra, notas de violino afinado
Que transcendem e fluem sem partituras
Batidas de takuapu, instrumentos de bambu
Que só mulheres conhecem
Fumaça de cachimbo terrenal
Se prepara
Espreita para ser decodificada.
Cantos sem cessar anuncia o ritual
Menino preste a ser batizando, receberá seu nome
Que levará pelo resto da sua vida
Já desde o mais profundo da sua alma,
Ele está sabendo qual seria seu nome celestial
Pois, é o Pajé que vai informar de qual divindade ele veio
De Tupã, Nhamandu, Jakaira, ou Karai,
A mãe preste a confirmar sua intuição,
Desde o começo da formação do seu filho.
E o pajé com muita cautela na leitura da fumaça onde o espirito
Se vivifica para ser pronunciado o seu verdadeiro nome...

Autor: Leandro Kuaray Mimbi Mendes Chamorro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio nessa jornada, à minha mãe por te me ensinado o valor do nosso povo.

Agradeço aos meus aos meus parentes mbya guarani e amigos por contribuir neste pequeno trabalho, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis. Agradeço também às minhas filhas Xenia e Isabella por serem compreensivas apesar de serem pequenas ainda, que não me deixaram ser vencido pelo cansaço. Obrigado à minha companheira e namorada eterna Jussara, que me estimulou durante todo o percurso e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos. Meus agradecimentos à minha irmã Elsa, por aceitar me responder algumas questões desse trabalho, que de alguma forma também contribuiu para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

Agradeço ao professor Edgar, responsável pela orientação desse trabalho. Também sou grato ao bolsista, Guilherme, que me apoiou em cada etapa da pesquisa, aos bolsistas, Valber e Paula, que apoiaram no termino desse trabalho.

Agradeço a todos os professores, especialmente a especialmente do FIEI

Agradeço imensamente a Nhanderu, que é minha morada espiritual, por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a faculdade e o trabalho de final de curso. Sem ele, nada disso seria possível. Também sou grato ao Nhamandu, divindade da qual eu procedo, por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então.

Agradeço à universidade UFMG, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grato a cada membro do corpo docente, à direção e à administração dessa instituição.

Quem é Leandro Kuaray Mimbi Mendes Chamorro.

(Leandro Mimbi)

Eu sou indígena Mbyá Guarani, orgulhoso da etnia da qual pertenço, e por levar esse nome que Nosso Deus me deu, (que significa muito para mim), além de ter um profundo sentido espiritual, a tradução literal também é muito importante para saber de onde vim e para onde estou me orientando... Kuaray Mimbi, Sol Resplandecente. O que significa espiritualmente, minha existência nesse mundo imperfeito, para me identificar do resto das pessoas, para entender minhas funções. Pois é pela região de onde eu venho, minha função é partilhar sabedorias, ensinar. Exemplo: eu sou educador, eu ensino as coisas referentes à aldeia, costumes e histórias.

Nasci na aldeia Okoy, perto de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, em 10 de agosto de 1976, mudança de ano velho para ano novo, segundo o calendário indígena Guarani. Quando eu era criancinha, meus pais eram da Argentina... Naquela época os Guarani ainda não tinham internalizado o assunto da fronteira, inclusive até essa época, falar de identidade, do papel (documento) não era muito importante, porque estávamos na nossa terra, nosso território. Logo após o meu nascimento, meus progenitores se mudaram para a Argentina. Morando na aldeia aprendi o Guarani e no contato com o povo da cidade e na escola aprendi o Espanhol.

Em 2005 vim morar no Brasil e aprendi a falar o Português também. Na época, morava na Aldeia Sapukai, em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, uma aldeia muito bonita e tranquila.

Desde pequeno eu sentia prazer em contar histórias para outras crianças da minha idade. Naquela época, só oralmente. Hoje, graças aos conhecimentos de outras línguas e da escrita, posso compartilhar a cultura Guarani com os parentes Guarani, com indígenas de outras etnias e com os não-indígenas. Graças ao Olívio Jekupé, meu conto “Kuaray e Jaxy” foi incluído coletânea que ele organizou.¹

A maior parte da minha vida escolar passou-se na Argentina: comecei a escola com oito anos de idade, na década de oitenta, quando a difícil situação estava nas mãos dos militares, e a educação escolar indígena não fugia do modelo de ensino daquela época, onde se educava para defender a pátria e onde a Argentina deveria ter uma única cultura.

¹ KUARAY, Leandro. “Kuaray e Jaxy”. In: JEKUPÉ, Olívio (org.), *As queixadas e outros contos guaranis*, São Paulo: FTD, 2013, 13-20.

Os índios não podiam falar em seu próprio idioma, pois até então a escola era exclusivamente “branca”.

Logo com o início da democracia e com as lutas pelos direitos dos distintos povos indígenas, as coisas foram mudando um pouco, mas num processo muito lento, até criar algumas escolas dentro das aldeias onde se ensinavam a ler e a escrever na língua materna. Outro problema, semelhante ao que acontecia e acontece ainda hoje no Brasil, os professores não eram indígenas! Mais de uma década foi necessário para formar os professores das aldeias onde existiam escolas.

Eu assistia às aulas nas escolas indígenas da Argentina, mas não cheguei a concluir meus estudos lá. Terminei meus estudos aqui no Brasil, no EJA do município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro.

Na época em que morei na Aldeia de Bracuhy, desempenhei atividades como monitor no *Projeto Jovens Talentos*, com os alunos da Aldeia. Tal projeto era organizado pela Professora *Nanci Vieira*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo Prof. *Jorge Belizário*, também da mesma Instituição.

As minhas funções como monitor eram de orientar os jovens indígenas na iniciação científica e de registrar os momentos mais importante da Aldeia.

Particpei de alguns projetos junto ao Museu do índio – FUNAI – RJ, como a produção de papel artesanal feito com a fibra de bananeira para a fabricação de cadernos e agendas com grafismos Guarani, monitoria nas exposições do patrimônio material do Povo Guarani, entre outros.

Até final de 2016 morei na Aldeia Ko’enju, município de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. Nessa aldeia existe uma escola que funciona há quinze anos, cujos alunos são indígenas Guarani, totalizando, em média, 50 alunos só nesse ano. A escola funciona do pré-escolar ao quinto ano, portanto os alunos das séries seguintes são obrigados a migrar para outra escola próxima à aldeia. A escola da aldeia possui atividades escolares de segunda a sexta em dois turnos: manhã e tarde e não tem calendário diferenciado. Há duas professoras não indígenas, uma é a diretora e a outra leciona para o quarto e o quinto ano; e duas professoras indígenas, uma para atender o nível inicial e a outra para atender do primeiro ao terceiro ano, nos dois turnos. Ministro aulas nesta escola quando algum dos professores indígenas precisam se ausentar e atuo como tradutor de eventos da Saúde que acontecem esporadicamente na aldeia.

Atualmente moro na cidade de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro com as minhas duas filhas e a minha esposa. Trabalhei como professor indígena substituto na

escola da aldeia Guarani Ara Hovy, Itaipuaçu – Maricá, Rio de Janeiro. Estou aguardando me chamarem para um novo contrato que se estenderá até o final desse ano.

Estou terminado minha graduação na UFMG, Belo Horizonte, curso específico para indígenas, habilitação em licenciatura em Matemática. A conclusão da graduação está prevista para setembro de 2018.

Ao longo da minha história acadêmica, sempre ressaltai a importância e a necessidade de os profissionais da educação levarem em consideração as tradições e os saberes das populações indígenas, tanto para promover e dar importância às diferentes formas do fazer ritual, quanto pelo respeito ao contexto sociocultural e às crenças em que esses povos estão inseridos. Percebo que a Educação não indígena, em geral, o professor, assim como a instituição escolar, é visto como o centro do processo de ensino, deixando a participação familiar somente na teoria. Já na educação indígena, a família e o grupo do indivíduo participam, ativa e mutuamente, de todo o caminho das crianças, desde os processos iniciais de alfabetização, por exemplo, até a formação de valores importantes que acompanharão essas crianças durante a vida toda.

O Batismo sempre me interessou. Não porque seja um mistério ou uma atividade espiritual difícil de explicar ou decifrar, pois simplesmente eu formo parte e estive presente, por mais que não me lembre desse momento, pois era muito criança. Já na fase adulta queria entender um pouco mais porque eu levava esse nome tão especial, querendo saber de onde veio e que objetivo devo seguir e qual é a missão minha. Nesse sentido a minha missão é ensinar o povo sobre a importância da vida entre os Mbya Guarani, meu nome, veio de Nhamandu uma das quatro divindades. Tanto Nhamandu quanto as pessoas que descem dessa morada tem a missão de ensinar.

Na visão dos Guarani Mbya, o espaço escolar é do não-índio, e o aluno se sente incapaz, longe de casa, da família, dos líderes religiosos em quem ele confia e que revelou o seu nome. Há uma diferença muito grande nos rituais, nas etiquetas, e o Profissional não-índio vê que existe um modo diferente de lidar com as vidas das crianças. Além de haver uma diferença de poderes muito grande, relação que não acontece entre os professores mbya e as crianças mbya.

Ao concluir minha graduação, pretendo mudar-me com as minhas filhas e minha esposa (não indígena e professora de Artes do Município e do Estado do RJ) para a aldeia localizada em Itaipuaçu, Maricá, ingressar no Mestrado e dedicar-me à Educação Indígena Diferenciada, como também, compartilhar nossos saberes com a Educação não

indígena, que sabemos estar tão desgastada e necessitada de outros valores e/ou metodologias.

Este trabalho é de fundamental importância para o fortalecimento de uma cultura milenar: compreender a religiosidade do povo Mbya Guarani e entender que todas essas práticas têm uma relação muito próxima com a terra e a aldeia (*tekoa*) e com os nomes que cada criança leva. Também tentar entender o modo de ser típicos guarani: comportamentos, sistemas. A organização social, a dinâmica territorial, a relação com as aldeias próximas ou distantes.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma discussão sobre um tema muito importante para o mundo guarani, um assunto feito para nós indígenas, que praticamente não se fala para o mundo de fora (não-indígena). Trata-se do batismo, ritual de colocação de nome, ou *Nhemongarai*, ou descoberta de nomes. Mas ao mesmo tempo, é um assunto que é abordado de várias formas pelos estudiosos, antropólogos e indigenistas, mas que nunca foi abordado pelos próprios indígenas Guarani num nível acadêmico, justamente por ser um assunto muito delicado, no sentido profundo e muito espiritual da nossa cultura.

Além de ser um tema delicado, nós não tínhamos o costume de relatar pelas escritas os nossos costumes. Hoje surge a tendência de mostrar ou divulgar os aspetos culturais, exemplo, através de filmes como o indígena guarani, Alberto Alvares, que tenta discutir o assunto através de seus filmes. Assim como ele, tem vários outros indígenas, a Patrícia, outra cineasta guarani, que faz trabalhos através do projeto “Vídeo nas aldeias”, que já tem uma longa trajetória nesse processo². Pela via escrita, este trabalho também busca um modo de registrar e comunicar aspectos do mundo Guarani.

Nós temos uma cultura oral, transmitida de geração em geração, sem a necessidade da escrita para transmitir. Mas, como hoje a universidade abre espaço para os povos Guarani falarem e escreverem sobre a vida de nosso povo, não temos porquê não fazer. Ao contrário, é nossa missão mostrar alguns aspectos da nossa cultura para os não-indígenas entendê-la e respeitá-la melhor.

O rito do *Nhemongarai* não se traduz como batismo literalmente, mas essa palavra é a que mais se aproxima para interpretar de uma forma mais esclarecida. Já que a religião não-indígena como conhecemos, ela tem suas regras ou preceitos que devem ser cumpridos. Eu chamaria de religião estruturada, entendida dentro da cultura não-indígena. Pois para os Guarani praticamente é uma filosofia de vida. A cultura dominante tentou impor a religião, tentou evangelizar, como fez com outras culturas indígenas, tentou fazer isso com os Guarani desde a chegada dos primeiros evangelizadores. Mas esse povo conseguiu manter até hoje seu jeito de rezar e falar com seres superiores, por ser justamente, uma cultura espiritual e por não ser apegada às coisas materiais e aos acúmulos, onde o compartilhar é forma de vida entre os mbya guarani, uma filosofia de

² Criado em 1986, *Vídeo nas Aldeias* (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. Mais detalhes em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>

vida, onde impera a solidariedade e a reciprocidade. E obviamente a língua é uma das armas com que matem a cultura, sua forma de transmitir os saberes ancestrais.

Aqui vou tentar descrever os aspectos da cultura mbya guarani, de tal forma que o mundo não indígena possa entender melhor e ter uma opinião bem mais formada sobre a vida desse povo, que tem uma forma de vida muito particular com o ambiente e com o mundo, sua relação com os seres superiores (deuses).

Nhemongarai é uma das manifestações culturais mais importante do mundo guarani, que consiste em congregar crianças para revelar seus nomes, como deve atuar essa pessoa e como deve se comportar. Muitas vezes acontece o contrário, quero dizer o nome que leva a pessoa a comportar de determinada forma. Esses nomes são importantes, pois as pessoas levam esses nomes pelo resto da sua vida. Mas como todas as coisas tem suas exceções. Nesse momento o líder espiritual ou religioso realiza o ritual para saber ou revelar o nome, para saber de onde, para que veio e de qual divindade ou morada divina.

Num primeiro momento desse trabalho farei uma descrição do *Contexto Histórico dos Mbya Guarani*, nesse sentido é importante realizar umas pesquisas bibliográficas de variadas opiniões, críticas e conceitos relacionado a esse povo em específico, território que ocupa, costumes, crenças e línguas.

No tema relacionado a *espiritualidade*, em que os Guarani Mbya acreditam? Vou fazer uma pequena introdução referente a vida espiritual e religiosa, deuses, divindades ou *amba*, que é morada de onde vem cada nome ou *tery*.

Em seguida irei abordar o tema referente a *Opy* casa de reza, vou falar sobre a relevância dessa casa, que não é uma casa mais dentro da aldeia, um lugar onde os mbya guarani fazem as danças, entoam seus cantos, tocam instrumentos musicais, tudo isso para agradar aos deuses. Um centro ou um lugar de encontro e de ouvir a *Nhanderu*.

Também vou fazer uma breve descrição do ato do *batismo*, *o antes, durante e depois*, e por último desse trabalho vou tratar de explicar de forma mais detalhada dos nomes, suas origens e seus significados.

Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é aprofundar o conhecimento sobre o ritual de batismo mbya guarani; nomes, significados. E objetivos específicos são:

- Descrever o ritual de batismo de colocação de nomes.
- Nomear e explicar os elementos usados.
- Descrever o comportamento das crianças que levam determinados nomes

Metodologia

Com relação à metodologia desta pesquisa, cabe dizer que as entrevistas e as observações ocupam um lugar preponderante; elas são os eixos fundamentais. As gravações e as filmagens serão utilizadas em menor escala, as fotografias também, mas com muitas limitações. Se entende que a vida dos povos guarani, não deve ser mostrada, guardada, ou filmada, pois entende que só deve ser vivenciada. E porque esse ritual específico é o mais profundo, precisa de muitas concentrações, as câmeras os flashes e outros movimentos para o registro atrapalharia o ritual. As observações, também é um pouco limitado, pois fazer parte do ritual e tentar descrever é outro desafio, pois geralmente o ritual acontece de noite, nas penumbras, ou poucas luzes e por estende por várias horas.

As observações serão feitas, antes, durante e depois do ritual com todos os envolvidos nessas atividades. O principal foco deste presente trabalho é a população indígena mbya guarani, incluindo homens, anciões, mulheres, crianças e especialmente os líderes religiosos.

CAPÍTULO 1

O POVO MBYA GUARANI

Contexto histórico:

Esta parte do trabalho é dedicada a comentar a origem, a distribuição, e a localização desse povo, que também é parte importante para a população não indígena entender. Quando da chegada dos espanhóis e portugueses na América, por volta de 1500, os Guarani já formavam um conjunto de povos com a mesma origem, falavam um mesmo idioma, haviam desenvolvido um modo de ser que mantinha viva a memória de antigas tradições e se projetavam para o futuro, praticando uma agricultura muito produtiva, a qual gerava amplos excedentes que motivavam grandes festas e a distribuição dos produtos, conforme determinava a economia de reciprocidade. Quando os europeus chegaram ao lugar que hoje é Assunção, no Paraguai, ficaram maravilhados com a "divina abundância" que encontraram.

Para começar a falar de mbya guarani, precisamos voltar no tempo, isto é falar como viviam, qual era seu costume, sobre todo a espiritualidade, que era importante fazer esta conexão histórica com o meu trabalho, pois concordando no que diz com esse antropólogo sobre os mbya guarani, pois ele, o estudioso é o que mais se aproxima e dá mais argumentos validos sobre esse povo, e que possivelmente a maioria dos Guarani compartilharia a visão dele. Por esse motivo neste trabalho era importante citar ele como um conhecedor das culturas guarani. Ele interpreta a espiritualidade de uma forma tão sutil sem muito descrição, mas o usa o as palavras de um estilo fino e crítico como a expressão que ele usa “ finos ateísta e não ateus”, mesmo sendo ele sendo um jesuíta. Segundo o meu entender sobre sua expressão, é que talvez quis dizer, que os guaranis vivem o dia a dia sem se preocupar muito pelo que acontecerão, ou porque já sabem o futuro, também entendo, é porque o mbya guarani realmente não tem imagens para adorar, eles falam com Deus com o coração através de *ayvu marae'y* (belas palavras).

Bartomeu Meliá, é um jesuíta, antropólogo e um brilhante etnolinguísta espanhol. Radicou-se no Paraguai em 1954, onde iniciou seus estudos da língua e da cultura guarani. Doutor em Ciências Religiosas pela Universidade de Estrasburgo (França), ex-professor

de Etnologia e Cultura Guarani da Universidade Católica de Assunção e presidente do Centro de Estudos Antropológicos desta mesma universidade. Professor convidado na USP – São Paulo. Diretor das revistas *Suplemento Antropológico* e *Estudios Paraguayos*, até 1976, quando foi obrigado a sair do país após repudiar publicamente o massacre sistemático dos Aché-Guayaki. Ao longo da sua vida, no Brasil e no Paraguai, tem estabelecido uma relação próxima com os Mbyá-Guarani, Avá-Guarani, Pai-tavyterã, Enawene-nawé e Caigangué. Atualmente forma parte do grupo dos pesquisadores do Centro de Pós-graduação e pesquisa da *Universidad Católica* de Assunção (*Avakotepa*), onde dirige o projeto *Koravarepa – Korpus Avañe'ê Rembiosa Paraguaipegua* que publica os textos mais importantes do patrimônio da língua guarani.³

Aqui nesse trecho apresento uma fala feito por Meliá, encontrada a internet, dizendo o que ele é:

Meliá: Minha atividade foi na Universidade, mas também já comece o trabalho de acompanhamento, não propriamente de antropólogo, se não como povos indígenas guarani, que são sobre todo três grandes povos ou etnias, ava guarani, os mbya e os pai tavy terá, os ava guarani que também estão em Brasil e os mbya que estão em Paraguai, Argentina e Brasil; bom, com todo eles pela providencia especial conseguir estar juntos a eles; nunca em plano de mero pesquisa, é claro que tomei notas, fiz meus trabalhos, mas sempre mais bem em plano de conviver como eles, cantar, rezar durante as noites nos seus ritos, antigamente diríamos de ritos pagãos, mas são de espiritualidade extraordinária, rituais que duram geralmente a noite toda, há época que são mais intensas, exemplo na época da colheita do milho, bom, esta é umas das grandes festas extraordinárias.

Os Guarani tem a grande virtude de ter sido agricultores, não nômades, conceito errado de continuamente, não, são nômades, pode ser expulso, ah hoje estão e amanhã não. Foram agricultores já desde os tempos pré-históricos. E os Guarani sempre ocuparam as melhores terras de este Brasil, Paraguai e Argentina. E eles se mantem sobre todo graças a sua língua, ou seja, eu diria, a ecologia cultural guarani. É sua língua e sua tradição religiosa, acredito que está bem-dito, são os teólogos da selva. Que tem espiritualidade, que sabem explicar, não é uma repetição meio de memória, não. São mitos criadores e grandes poetas. E os cantos novos são inspirados, são coisa de dia a dia. Que é o que diferencia do mundo ocidental precisamente? A língua em sua variedade própria, a diferencia também a vida religiosa e a diferencia também algo que ainda mantem mesmo que já um pouco solapada, é o sistema econômico de reciprocidade no qual não há propriamente compra nem venda de coisas. Então essas três características. A língua e a espiritualidade, uma espiritualidade da palavra, sem imagens. Um missioneiro dizia sobre os Guarani, que os Guarani se distinguem por ser finos ateísta, não ateus, finos ateístas, eles não tem representações, nem sequer zoomorfias.⁴

E outro trecho de uma entrevista feita com ele mesmo o Meliá, encontrada em uma revista científica:

³<http://www.nhanduti.com/Catalogo/Pasado,%20presente,%20Futuro.%20Guarani/Bartomeu%20Meli%20a.Biografia1.html>. Acessado em 13/05/2018.

⁴ Para assistir na integra a entrevista com Meliá, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=5qhnOC1bDY0&t=5s>

Entre os mbya a característica principal é o opy, a centralidade e o opy. Não é uma religião aberta como os de avá guarani, onde uma pessoa estranha, as vezes mesmo até os papagaios, podem participar. Os pai, os kaiowa no Brasil aceita também em algumas circunstâncias a presença de estranhos. A Opy, para os mbya, faz parte de uma religião de caráter profético; centra-se no canto e na dança sobretudo, amos são muitos intensos.⁵

O termo Mbyá significa, de acordo com Bonamigo (2006, p.1) “muita gente num só lugar”. Os Mb yá- Guarani são vistos pelos demais indígenas como os habitantes da selva, pois conforme Litaiff (1996) eles não viveram em reduções jesuíticas depois da invasão dos europeus, o que garantiu a eles o mínimo possível de contato com não-indígenas. A população estimada de Guarani no Brasil gira em torno de 34.000 pessoas, entre os Kayová (18.000 a 20.000), Ñandéva (8.000 a 10.000) e Mbyá (5.000 a 6.000) (CTI, 2007).

E no censo atualizado segundo IBGE (2018), os guarani mbya são, 8.026 indivíduos.⁶

Os Guarani vêm seu mundo como uma região de matas, campos e rios, como um território onde vivem segundo seu modo de ser e sua cultura milenar. Do território tradicional, historicamente ocupado pelos Guarani, que se estende por parte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, os Guarani ocupam hoje apenas pequenas ilhas. Seu território, o solo que se pisa, é um *tekoha*, o lugar físico, o espaço geográfico onde os Guarani são o que são, onde se movem e onde existem. Esses povos guardam tradições de tempos muito antigos, que trazem na memória que vão atualizando em seu cotidiano, através de seus mitos e rituais.

Os povos Guarani são muito semelhantes nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e aplicar as diversas tecnologias na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do observador, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao

⁵ LOPES, Danielle Bastos. “Entre a Terra e o Ceu Guarani: Uma conversa com B. Meliá”. In: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 289-298, jul./dez. 2016

⁶ <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>

mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Atualmente, os Guarani seguem vivendo onde sempre viveram, apesar de inumeráveis pressões, ameaças e mortes. Diversos grupos Guarani foram se estendendo por esta parte da América, mediante sucessivas migrações aliadas ao crescimento demográfico, que começaram há uns dois mil anos atrás e que continuam até a atualidade. No território brasileiro vivem os Mbya, Kaiowá e Guarani (ou Nhandeva). Os Guarani e Kaiowá estão em Mato Grosso do Sul.

Um dos maiores males que os Guarani têm que suportar é a invasão e destruição de sua terra, a ameaça contra seu modo de ser, a expulsão, a discriminação e o desprezo que vieram com a chegada dos "outros", dos colonos e dos fazendeiros e, mais recentemente, dos produtores de soja e de açúcar.⁷

Nesta parte do trabalho vou dar uma breve descrição de algumas características mais importantes que nos identificam como mbya guarani.

Aqui no trecho de um vídeo onde o *Nhande rekorã ijypy*, o antigo modo de ser guarani mbya, desenha ou descreve um conjunto de conhecimentos que vêm sendo transmitidos oralmente pelas populações indígenas desta etnia, em seus locais de alojamento, designados *tekoa* (literalmente, o local dos costumes). Compreende um conjunto de mitos que dão sentido à existência e às experiências humanas. Seus valores educativos são ordenados como representações que conduzem às aprendizagens culturais.

As comunidades indígenas guarani mbya expandem-se pelo Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. No Estado de São Paulo vigoram 19 aldeias com uma população de aproximadamente 2.500/3.000 indígenas.

Os Mbya são reconhecidos por seu caráter de radicalismo ao conduzir o modo de ser, o *nhande reko*. Expressam este desempenho diante dos membros de outros dialetos guarani, da família tupi-guarani: os Nhandeva e os Kayova. Estes são por eles reconhecidos como mais influenciados pelo branco, chamado *jurua* pelos mbya, e que significa cabelo na boca, literalmente, ou barba, pois segundo os guarani, antigamente nunca viram homens com barbas, pelo que pensaram que faziam parte do cabelo.

⁷ Para ler sobre as características de cada grupo Guarani:
<http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani>

A palavra 'mbya' tem várias formas de escrever, até porque a grafia utilizada não é própria do guarani, então cada estudioso escreve de um jeito ou de outro, pode ver assim: m'bya, mbia, mbyá, ou mbias, a palavra certa é mbya, que significa gente, ou segundo o relato que minha mãe me contava é que mbya, significa coração ou sentimento, isto na tradução literal mbya guarani=coração ou sentimento guarani.

É um subgrupo do povo guarani que habita a região meridional da América do Sul em um amplo território chamado Yry Rupa, no qual se sobrepõem os Estados nacionais, paraguaios, argentinos e uruguaios. Apesar de se reconhecer cotidianamente pela forma mbya, sua autodenominação é nhandeva'e (pessoa igual a nos), também um termo que pode ser traduzido como no, nossa gente, sendo também a autodenominação de vários outros grupos guarani.

Só um comentário sobre essa afirmação, ou melhor um questionamento, por que só um grupo de guarani se autodenomina nhandéva, segundo essa lógica todos os grupos seriam nhandéva, e a palavra certa é nhandeva'e.

Para se referirem ao grupo identificado pela literatura etnográfica como nhandéva, os mbya usam geralmente Chiripa. Os dois grupos reivindicam para si, com exclusividade, a categoria de legítimos índios guarani, ou guarani verdadeiros.

Na autodenominação nas divinas palavras dos mbya é *jeguakava tenonde porangue'i* (os primeiros adornados). Os nomes coletivos variam conforme o contexto.

Muitos materiais escritos sobre os mbya guarani, vários estudos e extenso vocabulários em língua, inúmeras descrições do ritual, conceitos e preconceitos relacionados aos seus costumes e crenças, no presente trabalho citarei alguns, os que são mais relevantes.

A palavra mbya apesar de ser muito usada no contexto brasileiro, quero dizer sendo uma palavra que identifica a um grupo indígena que já existia e há sido objeto de estudo desde o tempo muito antigo, não existe no dicionário online Aurélio (2018). Já a palavra guarani tem, mas também sem muita relevância. Os significados encontrados nesse dicionário são: (1) língua falada pelos guaranis; (2) unidade monetária do Paraguai; (3) relativo aos guaranis: Indivíduo pertencente aos guaranis, povo indígena da América do Sul, notadamente do Brasil, da Bolívia e do Paraguai.

Quando consultei artigos produzidos por antropólogos, encontramos referências que salienta que esses índios, embora convivendo tão de perto com os brancos e sendo aparentemente tão conhecidos, são, na verdade, desconhecidos e pouco se sabe sobre sua cultura (Litaiff, ano). Já Pradella (2009) comenta uma frase de um velho Kaingang sobre

os Guarani: “Esses parentes guarani têm as pernas curtas de tanto caminhar atrás de terra”(p.1). De fato, há diferenças entre os Kaingang e os Guarani, enquanto a língua dos primeiros pertence ao tronco Macro Jê, a língua Guarani é do tronco Tupi. Fisicamente os Guarani menos robustos e também há diferenças no modo de fabricação do artesanato. Mas a principal diferença que o velho Kaingang chama atenção é a grande circulação dos Guarani no território, enquanto que Kaingang são mais sedentários vivendo em aldeias.

Os Guarani fazem o *Jeguata* que é uma caminhada que consiste em migrar de um lugar para o outro, dentro do território considerado pelo mbya guarani. Quando falo território, me refiro ao espaço por onde nós mbya circulamos desde o tempo imemoriais. A noção de território para os Guarani é diferente da dos não indígenas, pois para estes para ter território precisa de uma série de regras por escrito: ocupação, demarcação e homologação.

Jeguata é um costume guarani. Para explicar esse costume eu vou transcrever uma pequena entrevista que fiz com Dona Elsa, uma mbya guarani. Ela é uma senhora, mãe de uma cineasta mbya, que vive no Rio Grande do Sul, numa aldeia indígena Ko'enju. Eu entendi que era importante fazer essa entrevista pois ela vem participando de uma série de filmes, falando e defendendo a cultura mbya guarani.

UMA CONVERSA SOBRE O JEGUATA:

Leandro: Jeguatama ymaeteguive ore ramoi kuery oiporu, mbya kuery reko'i ae, agy revê ta'ykue'iry ropyta'i va'e roiporu..

A caminhada sempre se fazia desde tempo muito antigo por nossos avos, era costume dos mbya, e hoje nós seus descendentes que ficamos nesta terra, ainda continuamos nessa caminhada.

Ymama joguero guata raka'e Nhanderu omoexaka ramo tenonderã.

Antigamente eles andavam, pois Nhanderu iluminada o futuro desse nosso povo.

Leandro: Mba'eixa ramopa omoexaka jepi raka'e?

Por que Nhanderu mostrava o caminho?

Elsa: Mbya kueryma oikuaa oporanduvy a'egui ojapyxakavy Nhandembou arerê. Mararami ikau'i ipa ikuai porá va'erã, marupi guete'i oguereko vypa ovyate ojexa va'erã.

Eles entendiam, ou sabiam o que faziam pois, perguntavam e dialogavam com Nhanderu como tem de atuar para viver em harmonia, como manter esse corpo imperfeito e espírito até se ver a sua maturidade.

Ojapyxaka Nhanderure ramo omoexaka raka'e marupi joguero guatavypa joguero guatapora va'erã. Mba'eixa javepa oguata va'erã, mbovy okea rirepa ovae va'era guatapy pyau rapy.

Rezavam e meditavam constantemente para Nhanderu iluminar o caminho por onde andariam e como devem andar. Quando tem que partir, depois de quantos dias ou meses encontrariam sua nova morada.

A'erami ikau'i raka'e, a'erami ae avi agy revê. Va'eri mbovy'ima ikau'i ojapyxaka anhete'i va'e. Angyma amboae ramo jurua kuery ore joko pama...

Foi assim que andavam o nosso antepassado e hoje continuamos fazendo essa caminhada. Só que na atualidade tem poucas pessoas que realmente estão interessado a ouvir ao Nhanderu. So que hoje é diferente. Acima disso os homens chamados brancos estão bloqueando o nosso caminhar.

Leandro: Mba'eixaramo joguero guata raka'e?

Por que se deslocava ou se mudavam?

Elsa: Yma mbya kuery joguero guata raka'e:

Nhanderu tekoa renderã (tatapy rupa) omemoexankã ramo.

Quando recebia mensagens de Nhanderu para formar nova aldeia (lugar de fogueira).

Amonguema tuu, ixy terá etarã jipovei'iramo, petêi, mokõi terá mboapy ma'etya rire,a'e kuery rei e'ygui anhete'i ojapyxaka ramo Nhanderu omoexanka marupipa aguata va'era,mamopa onemboekoa va'era.

As vezes quando falecia o pai, mãe ou alguns parentes próximos, depois de vários dias de rezar e falar com Nhanderu, ele revelava o lugar, revela como e onde construir nova aldeia;

Oguata avi amonguepy tekoapy mba'evema nhemity nopy'âvei ramo.

Também as vezes caminhava quando o solo já não dava para plantar.

A'eramigua rupi rivei yma nhane retatra kue'iry rogueroguata raka'e.

Desse jeito andavam os nossos parentes foram ocupando lugares

Antigamente os mbya fazia caminhadas por vários motivos:

A'eguima rogueroguata avi, nhoendu aguã,jopouvy rive'i guive,oenoikararamo,oi ramo mba'e nhemoingue'i,kyryngue'i ery va'erã ikuai ramo,mitã mboerya nda ipoi ramo tekoapy. Jipovei'iva'e oí ramo, mbaraete a'egui mbya'a guaxu ome'ê aguã. Nhopytyvôvy opy'i rãre.

Também fazia essa caminhada para levar e trazer notícias, ou simples visitas, quando tem batismo, também para levar crianças para ser nomeados se não houver lideres especifico para essa função. Quando há falecimentos, para dar força e coragem aos parentes nesse momento difícil. Também para ajudar na construção de casa de reza.

Espiritualidades divindades: em que os Guarani Mbya acreditam?

Nhanderu Papa Tenonde onhembojera pytuma mbytere.

Nosso Pai, o Primeiro e O Último criou-se por si mesmo no meio da escuridão primitiva.

Isso sempre falavam os mbya guarani desde que eu tinha conhecimento toda vez que se perguntava sobre a existências de seres superiores.

Entendia isso de que Nhanderu, o primeiro, criou-se a si mesmo com sua própria sabedoria, no meio da escuridão primitiva, logo. Para conhecer as primeiras ayvy porã ou ayvu mara'e'y deve acordar o coração. Para acordar o coração precisamos nomear-te, depois disso celebrar tua palavra-alma e cantar.

Na cerimônia do Nhemongarai, o ser mbya é nomeado e o espírito acorda por meio do coração. Somente o ser é capaz de compreender determinados mistérios da vida, principalmente a sabedoria dos ancestrais.

Para aprender o conhecimento ancestral, o mbya guarani passa por cerimônias, que são celebrações e iniciações para limpar a mente e para compreender a “tradição”, que é aprender a ler os ensinamentos registrados na natureza interna do Ser. O ensinamento da tradição começa sempre pelo nome das coisas e do modo como são nomeadas. Para conhecer as primeiras palavras que não morrerão deve acordar o coração. Para acordar o coração precisamos te nomear, celebrar tua palavra-alma e cantar diz o pajé quando coloca ou revela o nome. E assim foi que o León Cadogan foi batizado por um líder indígena mbya guarani de uma aldeia em Paraguai.

Aqui vou também fazer um relato sobre a origem das divindades segundo contava minha mãe quando eu era criança para reforçar o conceito de espiritualidade e possível origem dos Deuses: segundo a história que minha mãe me contava ao redor fogo, sob o céu estrelado tomando *ka'i* (erva mate) e fumando seu *pytenguá* (cachimbo). O Deus Nhanderú Tenondé ou Tenondeguá, nosso pai verdadeiro, se ergueu do meio da escuridão primitiva. Junto a ele, Nhande Txy Ete, nossa mãe verdadeira, caminhou sem luz, pela escuridão. Ainda não havia sol. Iluminavam-se com o reflexo de seu próprio coração.

Mbya é tradução de coração. Nhanderú Tenondé criou então a linguagem humana, na qual também está contida a alma (*nhe'e*).

A alma-palavra é o princípio de tudo. As palavras que não morrerão, foram criadas antes dos seres. Depois, Nhanderú Tenondé criou os outros Deuses, que cuidariam das almas do nosso povo. São quatro, os deuses menores, tidos como seres sem umbigo⁸ e acompanhados por sua complementariedade feminina, assim como Nhanderú Tenondé. Cada ser guarani vem dessas divindades e suas moradas - como um lugar imaginário ou espaço espiritual. Eles são:

Nhamandú. Deus Sol, quem faz surgir o dia. Chamado cotidianamente de Kuaray.

Jakairá. Deus da bruma, da neblina e da fumaça do cachimbo que inspira os líderes espirituais.

Karaí. Divindade da chama e do fogo solar. Karaí também é nome que damos aos nossos líderes espirituais e *kunã karaí*, é como chamamos as mulheres líderes espirituais.

Tupã. Dono das águas, das chuvas e dos trovões.

E por que Nhanderú Tenondé criou tudo isso? Era preciso que a alma-palavra entrasse em movimento no meio de todo o silêncio. Ele só conseguiu colocar a palavra em ação através dos seres humanos. Só os seres humanos podem usar as palavras para cantar, falar e agir como espelhos divinos. A alma humana havia sido criada, mas o corpo não. Foi aí que Nhanderú Tenondé teve a ideia de criar a mulher e o homem por meio da espiga do milho. Criou todas as pessoas como iguais, para viverem juntas no mundo imperfeito. Os não-indígenas e os indígenas são iguais, filhos do mesmo pai e mesma mãe. Quando eles nasceram, Nhanderú deu um pé de milho para cada um e pediu que escolhessem. Indígenas escolheram o pé de milho com semente mole e não-indígenas o pé de milho com a semente dura. Desse mesmo milho sagrado (*avaxi ete*), fazemos o batismo dos nossos nomes. Sua colheita é feita no tempo novo (*ará pyau*), que é quando florescem as árvores e é feita a colheita dos alimentos. No tempo antigo (*ará ymá*) é quando se dá toda a pausa dos deuses, para as sementes germinarem e se prepararem

⁸ Seres divinos, nascidos metafisicamente segundo minha mãe Santa Chamorro

para o novo que vem. Assim, Nhanderú Tenondé criou essas duas estações do ano. Nessa dança da vida, surgimos.

Depois desse relato vou transcrever uma canção que reforça a crença da existência de quatro divindades, além do Nhanderu Tenonde. Cabe explicar que essa canção esta inconclusa desde o ponto de vista de praticidade, pois nessa canção se vê reflexada só duas divindades: Nhamandu e Tupã, assim faltando as letras para Jakaira e Karai. Aqui a letra da canção:

<i>Nhamandu ou are</i>	Onde o Nhamandu aparece
<i>nhama'e revê</i>	olhando vamos cantando
<i>nhamonhendu'i mborai'i</i>	entoando canções
<i>jajerojy'i</i>	vamos dançando
<i>jajerojy'i</i>	vamos dançando
<i>jajerojy'i</i>	vamos dançando
<i>jajerojy'i</i>	vamos dançando

<i>Tupã retare</i>	olhando pro tupa
<i>nhama'ema ramo</i>	veremos
<i>overa vera</i>	todo brilhar
<i>joguerovy'a</i>	todos alegres
<i>joguerovy'a</i>	todos alegres
<i>joguerovy'a</i>	todos alegres
<i>joguerovy'a</i>	todos alegres

Costuma-se dizer que os Guarani não têm nome como se tivessem uma coisa, eles são nome. Nesse sentido, o nome da pessoa é o fundamento fora do qual a pessoa não terá outro suporte válido. Pois a Alma já está, os espíritos também, precisa ser simplesmente revelado. Para aprender o conhecimento ancestral, o índio passa por cerimônias, que são celebrações e iniciações para limpar a mente e para compreender a “tradição”, que é aprender a ler os ensinamentos registrados na natureza interna do Ser. O ensinamento da

tradição começa sempre pelo nome das coisas e do modo como são nomeadas. Nande Ru Papa Tenondé, Nosso Pai Primeiro criou-se por si só na Vazia Noite Iniciada – era Imanifesto, a Suprema Consciência, nada existia. De si próprio iniciou seu desdobrar.

Nosso Pai Primeiro sustentava-se no Vazio, antes que existisse o sol ele existia por reflexo de seu próprio coração e fazia-se servir dentro de sua própria divindade. Amor e Sabedoria contidos em sua própria divindade. Antes de existir a Noite Primeira, e antes de ter-se o conhecimento das coisas, o Amor era.

CAPÍTULO 2

O BATISMO⁹ - ATIVIDADES ANTES, DURANTE E DEPOIS

O Nhemongaraí (batismo das pessoas crianças)

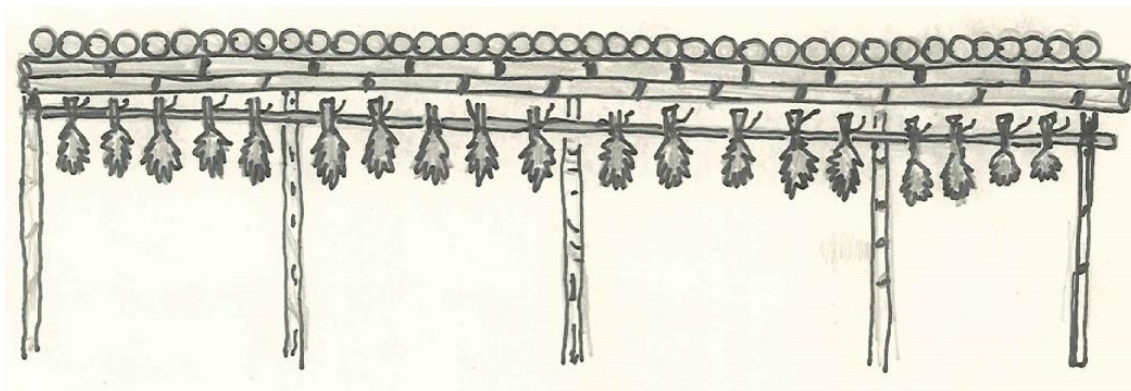


Figura 1 - Bolo de milho e erva dentro da casa de reza - Leandro Kuaray

No ritual *Nhemongaraí* (batismo das pessoas crianças), as crianças recebem seus nomes, geralmente quando estão próximas de realizar um ano de idade. Este processo é fundamental para as pessoas Guaraní Mbya para se perpetuar como mbya, pois os nomes dos Guaraní Mbya significam o *Nhe'e* (espírito-nome-alma, que protege as pessoas, o corpo físico) da pessoa, e nesse ritual do *Nhemongaraí* que descobrem o seu *Nhe'e*, espírito protetor, que pode ser de diferente morada, e, portanto, pode ter vindo de diferentes lugares. Dependendo do lugar de onde vem o *Nhe'e*, a pessoa precisa aprender determinadas práticas, respeitar certas regras, e manter sociabilidades com parentescos espirituais (pessoas cujo *Nhe'e* vieram da mesma morada celestial). Esta descoberta é importantíssima, pois o *Nhe'e* irá voltar para a morada celestial, onde estão os deuses e por isso os Guaraní Mbya têm que estar próximos de seu *Nhe'e*, para acompanhá-lo à essa terra (morada espiritual).

Para os Mbya é uma das atividades mais importante do mundo guarani, já que um índio não é, sem ser passado por esse ritual, ninguém pode ser considerado mbya, é o que

⁹ *Batismo*: segundo o Dicionário Aurélio é o ato de pôr nome a pessoa ou coisa.

define ser mbya, todo guarani tem seu *amba*, seu *nhe'ê*, sua raiz espiritual, sua origem. Nele as almas com nomes das crianças desce para formar fila esperando tomar assento ou poder do corpo, onde o *opygua* revela e coloca o nome.

Opygua é um líder espiritual reconhecido pelos Mbya Guarani, respeitado pela sua trajetória ou por sua preparação espiritual e pelo dom que recebe, ele é um líder nato. O *opygua* precisa de muita concentração na hora do trabalho espiritual, deve ficar em jejum pelos menos dois dias, restringindo comer determinados tipos de alimentos, como alguns tipos de carne e bebidas.

Na concepção Guarani, o que determina o nome é justamente a região de onde vem a alma da criança, não sendo jamais uma decisão arbitrária dos pais, isto é que todas as crianças devem ser bem recebidas. É com base no 'lugar de onde vem a alma' que o nome será constituído. E, ao saber sua origem, que sempre é dada pelo próprio filho por meio de sonhos, os pais também saberão suas qualidades e características individuais. Cada região do "zênite" possui determinados aspectos, assim como seus moradores. A origem do nome permite prever um pouco do percurso futuro dessa criança que ainda sequer nasceu, seus gostos, jeito de ser e possíveis caminhos a serem percorridos.

Entre os Mbya Guarani o processo de batismo do nome se atém fundamentalmente às mesmas normas; quando o menino não possui nome, está sujeito à cólera, raiz de todo o mal. "Somente quando se chame pelos nomes que nossos Pais da palavra lhe damos, deixarão de encolerizar-se." Este nome é parte integrante da pessoa e é designado com a expressão '*ery mo' ã a'*', "aquele que mantém de pé o poder de dizer".

O *nhemongarai* acontece geralmente no ano novo no calendário sociocultural mbya guarani, que começa no final de agosto e pode se estender até dezembro e começo de janeiro, quando as plantas começam a dar seus primeiros frutos, em especial, as primeiras colheitas de milho, fazem ritual tanto para agradecer a Nhanderu como para revelar nomes às crianças,

O que acontece no antes do *nhemongarai*? O povo guarani sempre está em relação com o Nhanderu (Deus), através dele e das reuniões com os líderes espirituais e pais de família marca uma data para fazer o *nhemongarai*. Os pais quando recebem a notícia da data desse acontecimento tenta procurar os elementos que vão precisar para esse evento, seja matéria ou espiritual. Quanto ao material, especificamente se refere à extração de mel, por exemplo ou erva mate, para os meninos que vão receber nomes, e para as meninas geralmente é um tipo de bolo (*mbojape'i*) de milho guarani (*avaxi ete'i*).

No dia do batismo, o responsável pela criança que vai receber o nome, deve levar e colocar em uma espécie de altar dentro da casa de reza, o objeto que vai receber fumaça do cachimbo para ser decodificado pelo *opygua*: é a sua vez receber nome. As famílias devem chegar na casa de reza antes do sol se esconder no horizonte, e não pode acontecer outras atividades dentro da aldeia que possa atrapalhar a concentração dos trabalhos que vão realizar.

O evento começa com as palavras do *opygua*, que levanta, anda com passos leves e com seu *popygua*, fuma o *petyngua*, espalha o *tataxina*: silêncio total dentro do *opy*, dando uma longa saudação aos presentes, que anuncia o motivo do ritual. Em seguida, uma canção é entoada no som do *mbaraka*, *mbaraka mirim*, *angua'apu*, *rave*, *takuapu*, *yvyra'i*. As mulheres vão acompanhando.

Mbaraka, é uma espécie de violão, com cinco cordas, afinadas por Mbya e usado entre os Mbya, segundo o comentário que fazia minha mãe quando eu era criança. E até hoje se fala isso, esse instrumento é exclusivo para música mbya guarani, tradicionalmente só pode ser tocado por pessoas de sexo masculino (crianças, adultos e anciões).

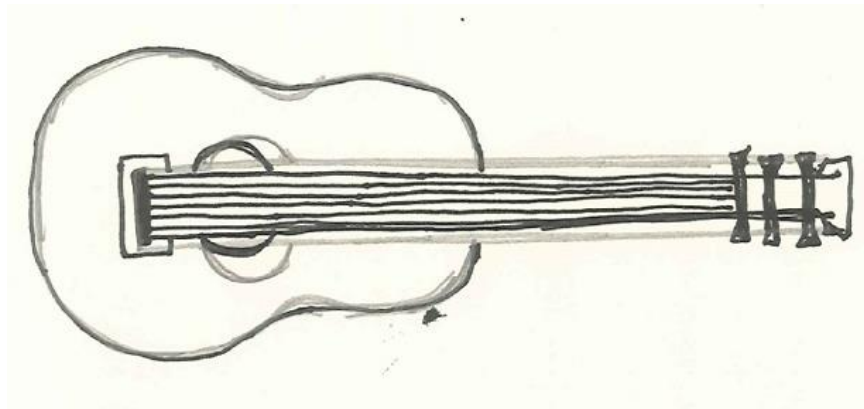


Figura 2 Mbaraka - Leandro Kuaray

Mbaraka mirim é um instrumento de percussão, feito de cabaça, colocando sementes ou pedras pequenas no interior e que faz som ao sacudir.

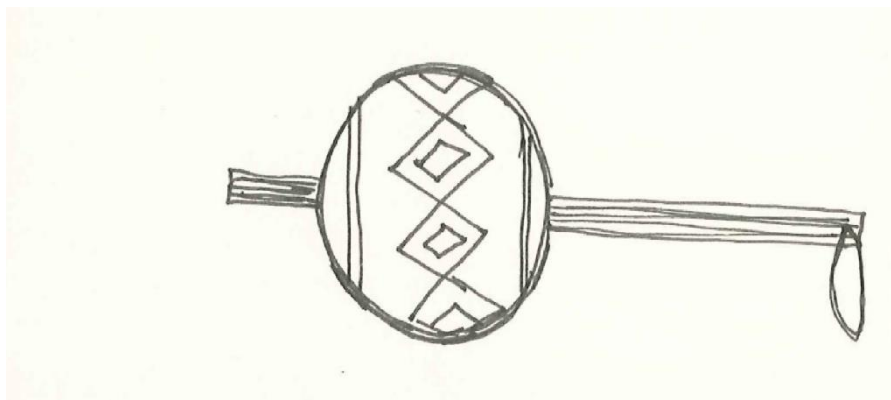


Figura 3 - Mbaraka mirim - Leandro Kuaray

Angua'apu, originalmente feito de tronco de palmeiras, tirando as partes carnosas do interior, deixando assim oco por dentro e tampando uma ou as duas partes abertas com couro de cotia. É também de percussão, o som se faz batendo a mão diretamente no couro do instrumento.

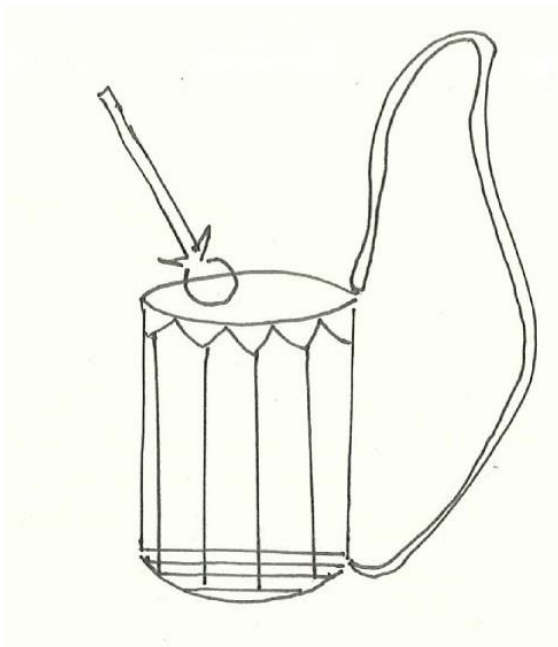


Figura 4 - Angu'apu - Leandro Kuaray

Rave, é um instrumento de corda friccionada, porque funciona com um arco e uma outra corda que friccionada nas cordas faz som. Esse instrumento, segundo os Mbya Guarani diz que é próprio deles, mas segundo o que eu ouvi, os não-índios falam que esse instrumento talvez tenha sido introduzido pelos Jesuítas na época das reduções. Pode ser. Até compartilho esse pensamento, mas o interessante, é que também como o violão ele tem sua própria forma de fabricação e afinação pelo guarani. Ele é afinado do jeito Mbya Guarani.

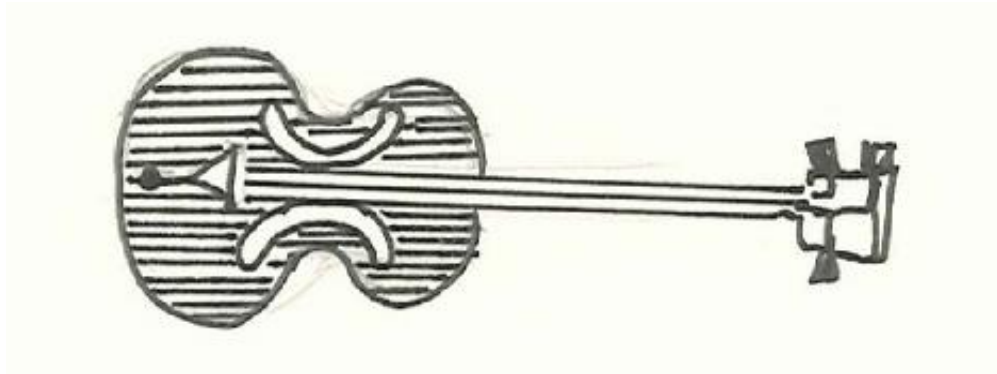


Figura 5 - Rave - Leandro Kuaray

Takuapu, instrumento também de percussão, feito de bambu, batido na terra produz um som que acompanha os cantos e outro instrumentos. Executado por mulheres, exclusivamente.

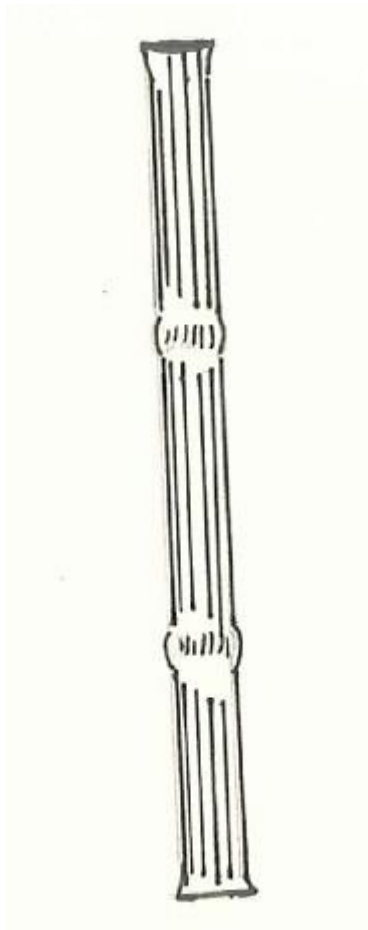


Figura 6 - Takuapu - Leandro Kuaray

Yvyra'i, ele não é especificamente instrumento de acompanhamento musical, mas é usado no ritual fazendo som batendo entre as duas varas unidas por uma corda amarrada nas extremidades, os sons ou batidas desse instrumento são esporádicos, isto quer dizer que não seguem os cantos, nem as músicas, mas que são importantes para espantarem os maus espirito que rondam à noite. Utilizados também só por homens.

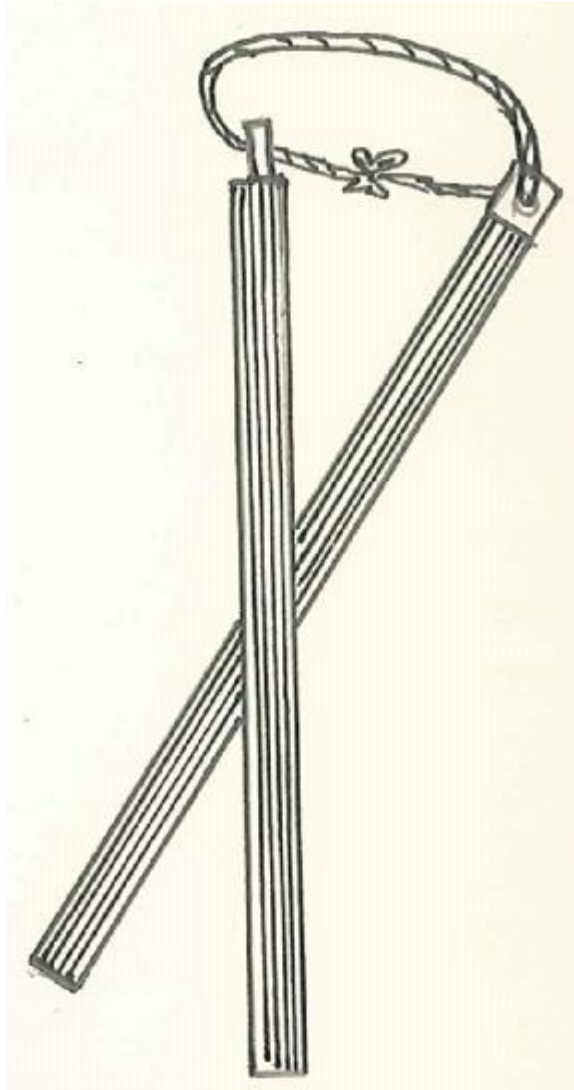


Figura 7 - Yvyra'i - Leandro Kuaray

Popygua puku. É um bastão que usa o *opygua* para se guiar nas penumbras dentro do *opy*. Também de uso exclusivo dos homens.

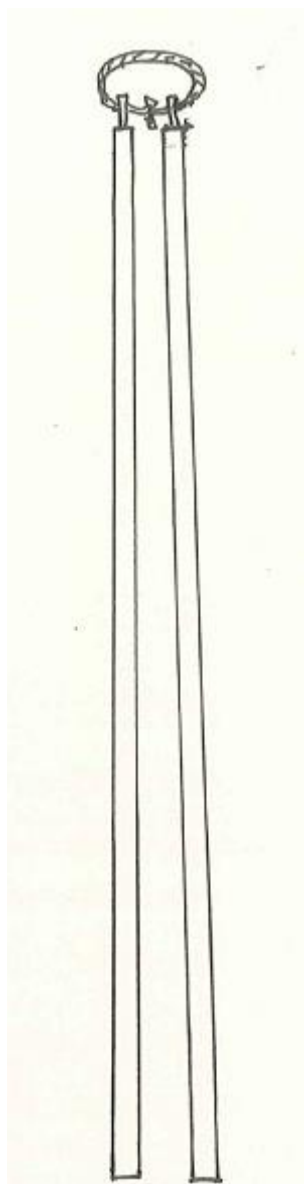


Figura 8 - Popygua puku - Leandro Kuaray

Pêtygua, comumente chamado cachimbo, feita de cerâmica, antigamente era de uso exclusivo para o ritual.

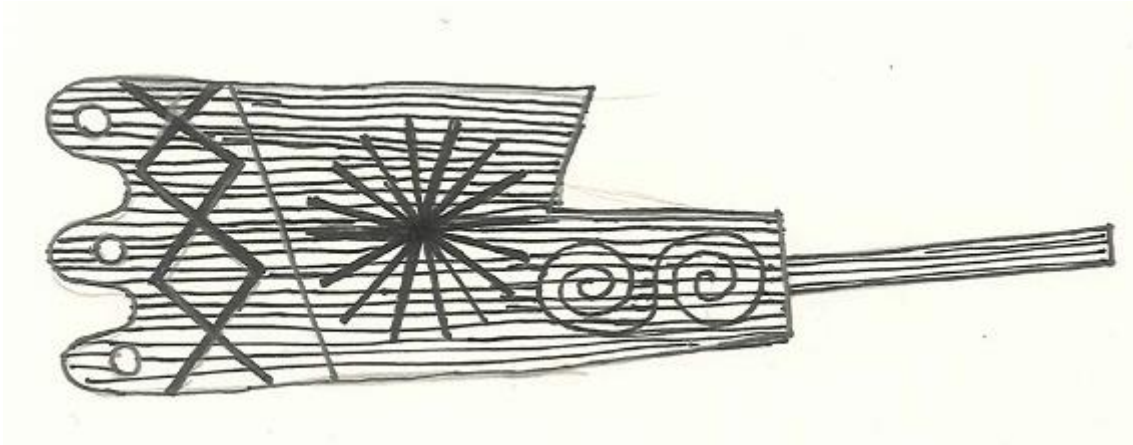


Figura 9 - Petyngua - Leandro Kuaray

Tataxina, é a fumaça que emana do cachimbo, que por meio de contato entre o fumo e o fogo produz a fumaça.

Opy (Casa de Reza)



Figura 10 - Opy - Casa de reza – Foto: Ariel Ortega.
Fonte: <http://tvbrasil.ebc.com.br/docesspecial/episodio/bicicletas-de-nhanderu>

A referência para todas as atividades culturais no mundo guarani é o *Opy*, a casa sagrada guarani, o centro de conhecimento, depois de casa, já que o primeiro ensinamento recebe no seio da família. *Opy* também é lugar onde os mbya guarani rezam, cantam, dançam e fumam para as Divindades, essas quatro atividades conformam as mais importantes demonstrações religiosas e precisam ser descritas cada uma delas para entender melhor essas manifestações; rezar significa falar com seres superiores, ouvir, pedir e dialogar com Nhanderú Ete ou Nhanderu Tenonde Deus, o Primeiro. Já o gesto de cantar vem de entoar sons de lamentos guturais, acorde com o violão, *takuapú* (bambu) que é a batida no chão para dar som. Dançar faz parte do ritual e consiste em movimentos do corpo especificamente dos pés, e pode de vez em quando pular quando o ritmo é mais acelerado. E por último fumar, esse talvez seja a principal fonte de ligação entre os seres de outra dimensão, fonte que revela os motivos das doenças, sejam elas espirituais ou físicas. Para ficar claro, estou falando de fumar com cachimbo, ainda que esse elemento é o principal elemento do ritual, ele tem seus próprios ritos, isto significa preparar o cachimbo, preparar o tabaco, pronunciar palavras ao Nhanderu. O ambiente está tomado de fumaça sagrada vivificante do tabaco.

Nesse lindo ritual Mbya Guarani, as falas são sagradas, as belas palavras. Nada de exuberâncias externas, adornos. Tudo é voltando para o interior. O espírito. Momento de o líder religioso portar o cachimbo e fazer grande fumaça para falar belas palavras e romper o silêncio. São palavras sagradas, conversas com os deuses. Capacidade que poucos tem de atingir. As belas palavras das rezas e dos cantos sacros, a conversa com as divindades que ele, como poucos, domina. O pajé pega o violão, vira-se para o pequeno altar de oferendas, e começa a entoar cantos em forma de mantras, ritmados pelo violão. Transe.

Nós estamos situados na *opy* - a casa de reza, espaço sagrado na cultura mbya guarani. Noites em que realizam o “batismo das crianças e a colocação de nomes que vão acompanhar pelo resto das suas vidas. Sempre a noite. Depois que o Sol, o *Nhamandu*, se põe. No resto do ano, também as rezas se fazem nesse lugar. Diariamente, e sempre depois que o sol se põe. Início da noite é o momento de rezar. Viver a espiritualidade.

Os Mbya (e os Ñandeva) constroem e mantêm uma casa para a prática de rezas e rituais coletivos, *opy guaçu*, localizada próxima ou mesmo agregada à casa do tamõi.

As práticas religiosas dos Mbya são freqüentes e se estendem por muitas horas. Orientadas pelo dirigente espiritual as “rezas”, realizadas através de cantos, danças e discursos, também se voltam às situações e necessidades corriqueiras (colheita, ausência ou excesso de chuva, problemas familiares, acontecimentos importantes, imprevistos etc.).

Nomes e seus significados

Os nomes como já foram descritos neste trabalho, são mais importantes, já que os nomes informam de onde que a alma veio e para onde se dirige, é a prova da existência de um indivíduo neste mundo imperfeito, e que toma assento nesse corpo imperfeito. O Mbya Guarani chama de mundo, corpo, terra, etc. de imperfeito, pois sempre está na procura da perfeição. E há também, por aqui na terra, tipos de tentações ou coisas mundanas que às vezes não se consegue controlar. Os nomes são as identidades Mbya Guarani, para ser um autêntico mbya precisa levar o *tery* nome dado por um *opygua* no *nhemongarai*. Sem esse distintivo não teria sentido ser Guarani Mbya, pois é através dele que uma criança pode desenvolver de forma saudável seu corpo e seu espírito para enfrentar e atuar ante a determinadas situações culturais.

Para os mbya, os nomes são perfeitos, pois eles vêm de um lugar imaginário onde nada é corrompido, os deuses são perfeitos, a alma é perfeita, a morada sideral ou celestial é perfeita e não os que nós seres humanos passamos a fazer (produzir).

Habitualmente na cultura mbya guarani, a notícia sobre o nascimento, seus tempos e condições são informadas às populações por um líder espiritual, por regra geral é chamado um ancião, que é também um *karai* e chama-se *opygua* (líder espiritual que atende esta casa de reza). Ele recebe a informação a partir da comunicação com os seres celestiais e da sabedoria acumulada no seu trajeto, eleva suas palavras e as recebe.

Uma vez que o Nhanderu acredita na possibilidade de um nascimento, o ancião avisa aos pais e esses devem seguir uma série de regras com a finalidade de que o nascimento e a vida futura das crianças estejam com segurança entre os outros indivíduos da aldeia, em palavras dos *karai*, chama-se *ombo 'apyka* (tomar assento a alma no corpo) ou *vy'a* (se sentir feliz), isto implica se encontrar, sentir-se à vontade no lugar, que por sua vez é uma condição necessária para que qualquer pessoa permaneça na aldeia, lugar onde habita o grupo. No caso das almas das crianças, esse sentido de não se encontrar ou não se sentir feliz pode implicar inclusive a morte. Nos adultos, por não estar se sentindo feliz, pode explicar a circulação e o desenvolvimento pelo território, assim como algumas dificuldades particulares. Exemplo: Patrícia. Segundo várias pessoas confirmaram – uma delas é a sua mãe quem diz – ela não estava se sentindo bem emocionalmente, espiritualmente e sentimentalmente por causa de que ela não estava com nome definido ou por que não foi revelado. Ou simplesmente erro do líder no momento de colocar. Isso

pode acontecer por vários motivos, como que já comentei: corpo imperfeito, até a fumaça do cachimbo é imperfeita, isto significa que nem uma pessoa está sujeita a ser perfeita.

Como vemos, a gestação de um novo ser supõe dois processos, por um lado, a chegada de uma alma, enviada por Nhanderu de um certo ponto ou setor do céu, por outro a fabricação ou produção do corpo¹⁰, no ventre da mãe. A partir daquele momento de que a criança começa a formar há uma série de prescrições de comportamento dos pais. As mães e os pais devem seguir uma série de regras a respeito do seu comportamento e alimentação com o fim de aguardar com mais seriedade a chegada do novo ser. Uma vez que a alma da criança é depositada na mulher por Nhanderu, o homem, o futuro pai, deve se encarregar da formação do corpo dia a dia, até o momento do seu nascimento. Isto é, os pais têm que deixar de fazer algumas coisas, cotidianamente, para que o novo ser chegue de forma saudável. Deve deixar de comer determinados alimentos, seja algum tipo de carne de caça, não dormir até tarde, porque acredita que toda criança imita os pais, se ele fica dormindo muito, as crianças também dormem e o parto vai ser demorado. Acredita também que os alimentos têm que ser controlados, dieta equilibrada, isto, é para os Guarani não existe a frase de que ‘a grávida tem que se alimentar por dois’, precisa comer o necessário para a formação da criança.

As mulheres grávidas não pode comer alimentos muitos quentes pois a criança quando nasce fica inquieta

Aqui tentarei escrever e aclarar por que, e de onde vem os nomes segundo a tradição mbya guarani, também não vou me aprofundar explicando como foram criadas as divindades, simplesmente vou nomear e descrever aspectos e atributos mais relevantes.

Então uma vez concluída a geração do seu corpo, *Nhanderu Ete* ou *Nhanderu Tenonde* cria os outros deuses principais e vale aclarar não necessariamente nessa ordem. Foram e são eles que enviam as almas aqui na terra desde sua morada celestial, *amba*. Assim como eles foram nomeados através de palavras pronunciadas, *ayvy*, eles precisam nomear as almas que estão em seus poderes. E vale aclarar não necessariamente nessa ordem. Eles são:

Tupã, conhecido também por Deus trovão, ou deus dos trovões

Nhamandu, Sol, também, Deus de coração grande.

Jakaira, Deus da bruma e da fumaça do cachimbo.

Karai, dono das chamas e das palavras.

¹⁰ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "A fabricação do corpo na sociedade xinguana". In: *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n.32, 1979, p. 40-49.

As almas dos mbya guarani vêm desses quatro moradas, o que define o nome, é do lugar de onde desce a alma, *nhe,ê*.

Nhemongarai: revelando a morada dos espíritos.

Os espírito-alma esta na morada também chamada *amba*, eles são quatro, são lugares sagrados de onde o ser, espírito ou alma guarani vem. O *amba* é divino, e essa palavra significa onde a alma se segura. Se supõe que esse lugar está por cima da terra, suspenso no plano espiritual.

A alma toma assento no coração. Em guarani chamaríamos *py'a*, pois ele é a base do todo de nosso corpo.

E cada *py'a* é analisado pelo líder espiritual para ser revelado o nome. Esse ritual *nhemongarai* é fundamental para sabermos a característica e a personalidade de cada ser mbya guarani. Então ao revelar a morada se sabe o nome da criança, entende e prevê, qual será o seu jeito, o nome implica necessariamente o jeito de ser Guarani, como ele deve se comportar. Com isto quero dizer que o jeito da criança depende da região de onde ela vem, que na sua vez complementa com o nome. O nome exige certos tipos de cuidado, pois existe uma determinada regra que deve seguir, para que a alma realmente fique nesse corpo.

Entendo que saber de onde, ou de qual divindade que a criança veio, implica uma série de regras, observações e cuidados por parte dos adultos nessas fases, que chamamos *nhe'ê pyau* (nova alma que está tomando assento no corpo). Durante esses períodos, a responsabilidade de observar e de praticar as regras é exclusividade dos pais, dos avós e de outros adultos envolvido na criação. Relembrando também que as responsabilidades dos adultos começam junto com o sonho da gravidez ou quando percebe que estarão esperando a chegada do novo ser.

Nessa parte do trabalho dedicada exclusivamente ao tratamento dos nomes e significados, tratarei elaborar uma lista de nomes, entendendo o que tem para masculino e feminino de cada divindade.

Divindades/Morada/Região	Nomes masculinos	Nomes femininos
Nhamandu	Kuaray Kuaray Mimby Kuaray Mirim Kuaray Endyju Kuaray Jeju Kuaray Poty Kuaray Rataa Kuaray mimbi	Jera Ara Ara Mirĩ Ara Jera Ara Poty Jachuka Jachuka Rete Jachuka Rataa
Jakaira	Karai Atachĩ	Tatachĩ Yva Takua
Karai	Karai Karai Rataa Karai Nhe'ery Karai Tataendy Karai Atachĩ	Kerechu Kerechu Poty Kerechu Yva Kerechu Rataa Endy
Tupã	Vera Vera Mirim Vera Xunu Tupã Kuchuvi Veve Tupã Guyra Vera Guyra	Para Yry Para Rete Para Mirĩ Para Poty Para Jachuka Yry Rete

Tem outros nomes tais como esses, mas nesse caso a pessoa entrevistada não conseguiu me explicar de onde que veio esses nomes. Nomes femininos: Xapya, Takua, Tataxỹ, Hendy, Ryrya, Tatá, Ryapua, Kerexu, Ryata, Varyju. E os masculinos: Jejoko, Tukumbo, Tupã Ra'y, esse último é o nome do Alberto Alvarez, um guarani nhandeva. Não aprofundei muito sobre esse nome, pois teria que falar com o pajé que colocou o nome para ele.

Os significados

Em enorme maioria são nomes que remontam a uma profunda religiosidade, relacionando-se sempre com a ideia de iluminação, desde o brilho ao trovoar do relâmpago, trovões, e outros elementos fundamentais da mística guarani. Como também os elementos mais importantes da natureza. Assim como é comum os cristãos nomearem suas crianças com referências bíblicas, como João ou José, as crianças Guarani recebem no nome toda a carga espiritual do seu povo. Única diferença é que são os pajés que colocam nomes e não são os pais. É de se destacar que a força cultural desses povos reside basicamente nessa socialização, na qual se alternam experiências individuais e coletivas. Bartomeu Meliá (1991) afirma que toda a reconhecida persistência cultural guarani se encontra justamente neste trato com o sagrado. Somente o rezador poderá definir, por intermédio de seu contato com *Nhanderu*, de onde vem a alma e, dessa forma, definir seu nome. Mas não só é permitido, como é esperado, o pai se adiantar ao rezador e entrar em diálogo por conta própria com a alma do filho. Entre os grupos guarani a experiência religiosa não é privilégio apenas dos rezadores ou sacerdotes, mas permeia toda a vivência comunitária em uma grande festa coletiva.

Ainda segundo os Guarani, nos tempos antigos, a revelação do nome dava-se por volta dos dois anos de idade, mas hoje em dia ‘tem alguns que não querem esperar mais e dão nome bem antes’. Com o advento do contato e a relação com o poder estatal, surgiram certas modificações em relação ao trato do nome, como, por exemplo, a necessidade sentida por alguns em receber um nome na língua do conquistador. Isto quer dizer que os nomes são colocados muitas vezes pelo pai, colocando assim nomes convencionais ou indígenas, mas sem a consulta com o pajé. Só que quando chega a época do batismo mesmo, é consultado, e chama a criança com o nome posto pelo pajé, sendo assim válido só para a aldeia, é o mais importante, ser reconhecido pela aldeia. Porém, visto mais a fundo, essa modificação é de caráter superficial, pois todos continuam com seus nomes revelados, ou nomes ‘verdadeiros’. A diferença acontece em relação à importância que se dá ao nome ‘verdadeiro’ e ao nome em português. Os Guarani sempre relatam uma divertida história sobre este assunto, segundo contam: quando o cacique foi retirar a segunda via do documento de identidade de parte da comunidade, ele simplesmente esqueceu do sobrenome de várias famílias do grupo, e rebatizou-os todos como ‘da Silva’, sem muita hesitação. E ainda hoje isso é motivo de troça entre os Guarani, não havendo qualquer tipo de represália em relação ao cacique, que também dá boas risadas quando

esta história é lembrada. Afinal, este nome não é o nome revelado e, por pertencer ao mundo não-índio, possui pouco significado para o portador, podendo ser alterado sem maiores traumas. Ao contrário do nome verdadeiro, este sim fundamental para quem o carrega.

Os mbya prestam tanta importância ao nome que lhes foi posto pelos pajés a ponto de, como último recurso em caso de doença de morte, o líder espiritual pode rebatizar o doente por meio de rituais, a fim de que o mal não continue naquele corpo imperfeito. Não é raro encontrarmos mbya que, ao saudá-lo pelo nome, ele finja não ouvir e faça questão de não atender. De imediato, outros nos avisam que o seu nome foi mudado, ele agora possui um novo e se voltará apenas a este. No antigo nome todas as doenças e os eventuais feitiços ficam aprisionados; é urgente esquecê-lo o mais breve possível, a fim de que estes malefícios também desapareçam. O nome mbya é um pedaço de seu portador, ou mesmo, quase idêntico a ele, inseparável da pessoa. A pessoa mbya, o nome é ele, não é ele por causa do nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, as entrevistas, as lembranças, os relatos, os artigos e as opiniões foram as principais fontes de pesquisa para tentar responder os objetivos propostos no começo do trabalho. Foi importante começar o meu trabalho falando sobre minha vida pessoal, tendo em consideração o meu nome indígena, já que o principal tema dessa iniciativa foi o *Nhemongarai*, o Batismo Mbya Guarani, os nomes e seus significados. Foi importante começar com um breve relato sobre minha origem, do significado e a influência desse nome em mim, pois pessoalmente também sempre tive curiosidades de entender os nomes mbya guarani, como realmente são colocados nas crianças, por quê e para que, e como isso marca a vida na fase adulta.

No começo do trabalho foi difícil, por um lado, definir qual seria uma tradução de um ritual que só os mbya tem e quanto é importante isso para o povo, então a tradução que mais se aproxima era o *batismo*, pois depois de várias tentativas de definir, consegui me aproximar ao que poderia ser uma definição do batismo, que no dicionário Aurélio define como “ato de pôr nome as pessoas ou coisas”. Efetivamente eu concordei com a tradução, mas para os mbya guarani, o ato de colocar nomes não se reduz ao simples ato, tem uma série de regras que envolvem tal acontecimento.

Para isso era preciso conhecer historicamente como são os povos guarani, por que são diferentes de outros povos, a dinâmica cultural, suas características, suas origens, suas histórias, e memórias desse povo. Além disso era importante entender que os mbya guarani são povos indígenas que apesar de muitos anos de contatos com os não índios, conservam quase intacto as três características importantes que são, a língua, a espiritualidade e a reciprocidade, mesmo que essa última esteja quase extinta, por causa do capitalismo que avança de forma exageradamente agressiva dentro da aldeia. Mas esse não foi o meu foco da pesquisa.

A língua e a espiritualidade é tudo para o povo Mbya Guarani, pois sem essas duas coisas importantes seria impossível viver como povo.

Foram de destaques as entrevistas e as consultas bibliográficas, não de forma exaustiva, para responder aos objetivos iniciais: aprofundar o conhecimento sobre o ritual de batismo mbya guarani; nomes, significados, assim como os objetivos específicos: descrever o ritual de batismo de colocação de nomes; nomear e explicar os elementos usados e descrever o comportamento das crianças que levam determinados nomes.

Destaco também a relevância à formação da minha pessoa, lembranças e relatos para elaborar o trabalho, e encontrar a pessoa certa para responder as questões relacionados aos ritos, os batismos, e a espiritualidade. E também como já comentei, as lembranças e as vivências da minha infância foram ocupando um lugar importante nesse caminho.

Entender um povo é entender sua história, partindo dessa hipótese, este pequeno aporte da minha pesquisa poderá ajudar os não indígenas a conhecerem mais um pouco o meu povo, a serem mais compreensivos e serem menos preconceituosos com o povo mbya guarani. Pois então, continuo insistindo que conhecer é respeitar, e os povos indígenas precisam de respeito, respeito às diferenças. Sejam elas linguísticas, físicas, espirituais e características próprias de cada cultura.

Dei mais destaque ao que tem a ver com o batismo e os nomes, de onde vem, como são colocados e por quem. Para isso, precisei aprofundar na espiritualidade e no que acredita os mbya guarani, deus, deuses, divindades, espíritos, almas, palavras, ritos, cantos, danças, invocações, todos esses elementos do ritual do batismo. Espero que esta contribuição sirva de reflexão para outros parentes mbya guarani, e que possa ter uma continuidade a partir de uma perspectiva diferente de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BONAMIGO, Zélia. “Comunidade Mbya-Guarani: economia e relações com a sociedade ‘atrevida’”. *Tellus*, ano 8, n.14, p.145-170, abr. 2008, Campo Grande – MS.

KUARAY, Leandro. “Kuaray e Jaxy”. In: JEKUPÉ, Olívio (org.), *As queixadas e outros contos guaranis*, São Paulo: FTD, 2013, 13-20.

LOPES, Danielle Bastos. “Entre a Terra e o Ceu Guarani: Uma conversa com B. Meliá”, In: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 289-298, jul/dez, 2016

MELIÀ, Bartomeu. *El Gaurani: experiencia religiosa*. Asunción: CEADUC/CEPAG, Biblioteca Paraguaya de Antropología, 1991.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A fabricação do corpo na sociedade xinguna”. In: *Boletim do Museu Nacional*, Série Antropologia, n.32, 1979, p. 40-49.

LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá*.

Websites:

<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>

<https://dicionariodoaurelio.com/guarani>, acessado em 11/05/2018 as 11:07h.

<https://dicionariodoaurelio.com/batismo>, acessado em 11/05/2018 as 11:07h.

<http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani>

<http://www.nhanduti.com/Catalogo/Pasado,%20presente,%20Futuro.%20Guarani/Bartomeu%20Melia.Biografia1.html>.

<https://www.youtube.com/watch?v=5qhnOC1bDY0&t=5s>